

## Ansiedade, Depressão e consumo de psicofármacos em acadêmicos de Medicina do Centro Universitário IMEPAC

*Anxiety, Depression and psychotropic drugs consumption in Medicine students at the IMEPAC University Center*

Beatriz Figueiredo Silva  
Anna de Melo Pena  
Ana Luiza de Alencar Amaral  
Ariany Parreira de Mendonça  
Aurélio Augusto de Oliveira Costa  
Artur Humberto Pereira Guimarães  
Rodrigo Alves Garcia  
*e-mail: [bibafsilva98@gmail.com](mailto:bibafsilva98@gmail.com)*

DOI: <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v8i15.331>

### Resumo

Distúrbios psicológicos, principalmente a ansiedade e a depressão, têm aumentado no último século, devido às profundas transformações ocorridas no âmbito cultural, social e econômico, que foram acompanhadas por pressões de uma sociedade moderna. Essas mudanças exigiram da população uma adaptação a um novo ritmo de vida. No ensino superior, o acadêmico é confrontado com situações geradoras de pressão psicológica e ansiedade. Além disso, as mudanças desta fase fazem com que haja períodos de crise por exigir adaptação a um novo papel social, o de adulto jovem. Este trabalho teve como objetivo identificar sinais de alerta para os quadros clínicos de ansiedade e depressão em estudantes de Medicina do Centro Universitário IMEPAC no período de 2021/1. O estudo teve como amostra um total de 609 alunos do 1º ao 8º período do curso. Desses, 92 alunos preencheram por via Google Forms, um questionário anônimo sociocultural e a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão. Em relação aos dados dos universitários, mais da metade dos alunos não apresenta nenhuma condição clínica diagnosticada (55,43%) sendo a mais diagnosticada a ansiedade (38,04%), seguida pela depressão (22,82%). Sobre o uso de psicofármacos, 71,74% declarou não fazer uso e 89,10% afirmaram não se automedicar. Fica evidente por meio deste estudo que os fatores: sexo, morar distante da cidade de origem, a prática de atividades físicas e o uso de drogas lícitas e ilícitas associados a rotina do estudante de medicina, são determinantes para o desenvolvimento ou não de transtornos mentais como a ansiedade e a depressão.

**Palavras-chave:** Ansiedade; Depressão; Psicotrópicos; Estudantes de Medicina.

### Abstract

Psychological disorders, especially anxiety and depression, have increased in the last century, due to the profound changes that have taken place in the cultural, social and economic spheres, which have been accompanied by pressures from a modern society. These changes required the population to adapt to a new pace of life. In higher education, the academic is confronted with situations that generate psychological pressure and anxiety, which lead to periods of crisis, as they require adaptation to a new role, becoming a young adult. This study aimed to identify warning signs for clinical conditions of anxiety and depression in medical students at the IMEPAC University Center in the period 2021/1. The study sampled a total of 609 students from the 1st to the 8th period of the course. Of these, 92 students filled out an anonymous form and the Hospital Anxiety and Depression Scale via Google Forms. With regard to clinical data on university students, more than half of the students do not have any diagnosed clinical condition (55.43%), and the most diagnosed was anxiety (38.04%), followed by depression (22.82%). Regarding the use of psychotropic drugs, 71.74% said they did not use them and 89.10% said they did not self-medicate. It is evident through this study that the factors: sex, living far from the city of origin, the practice of physical activities and the use of licit and illicit drugs associated with the medical student's routine are determinants for the development or not of mental disorders like anxiety and depression.

**Keywords:** Anxiety; Depression; Psychotropic Drugs; Medicine student's.

## 1 INTRODUÇÃO

“A ansiedade tem aumentado expressivamente na população humana no último século, sobretudo devido às profundas transformações ocorridas no âmbito econômico, social e cultural. Tais mudanças exigiram da população uma adaptação a um novo ritmo de vida” (TWENGE, 2000 apud FERREIRA et al., 2009, p. 974). Desde então, os indivíduos vivenciam as situações do cotidiano de acordo com as exigências que a vida lhes proporciona.

A depressão é um transtorno de humor crônico e recorrente, que ocasiona forte impacto na qualidade de vida não só do paciente, mas também de seus familiares. “Considerando o aumento no número de casos e suas consequências sociais, constitui sério problema de saúde pública” (AGUIAR et al., 2011, p. 91).

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) (2017) apontam que a prevalência mundial do transtorno de ansiedade (TA) é de 3,6%. No continente americano esse transtorno mental alcança maiores proporções e atinge 5,6% da população, com destaque para o Brasil, onde o TA está presente em 9,3% da população, possuindo o maior número de casos de ansiedade entre todos os países do mundo.

De acordo com Adewuia et al. (2006) citado por Vasconcelos et al. (2015, p. 135), no Brasil estima-se que durante a formação acadêmica, 15 a 25% dos estudantes universitários apresentam algum transtorno psíquico. “Nesse contexto, destacam-se os estudantes da área de saúde, incluindo aqueles do curso de Medicina, os quais convivem precocemente com a dor humana durante a sua formação, o que pode resultar em maior probabilidade de desenvolver quadros depressivos” (RIBEIRO et al., 2014, p. 1826). Além disso, para Cruz et al. (2010), o estudante é frequentemente colocado e confrontado em diversas situações que geram um certo tipo de pressão psicológica e sinais de ansiedade, principalmente pela quantidade de conteúdo que lhe é cobrado.

Em pesquisas com acadêmicos da área da saúde, Moura et al. (2019) identificaram os principais sintomas de ansiedade pelos alunos, sendo eles: nervosismo, preocupação excessiva, tremores/palpitações, tensão/dor muscular, cansaço fácil, dispneia, taquicardia e aumento da transpiração. Já em relação aos sintomas depressivos nos alunos, para Bresolin et al. (2020), os principais foram: culpa excessiva, dificuldade de tomar decisões, alterações no padrão do sono, irritabilidade, alterações no apetite, cansaço e/ou fadiga para realizar atividades que antes costumavam fazer.

Luna et al. (2018, p. 23) apontam que “o uso de psicoestimulantes por jovens estudantes tem sido uma preocupação global. Nos países como Canadá, Estados Unidos e Inglaterra esse assunto vem sendo bastante discutido após a realização de estudos epidemiológicos que indicaram o aumento do uso destes medicamentos pelos universitários para melhorar o rendimento acadêmico.” A pesquisa de Rodrigues, Facchini e Lima (2006) revela que o uso de psicofármacos tem aumentado nas últimas décadas, principalmente dos antidepressivos, devido ao aumento da frequência de diagnósticos de transtornos psiquiátricos na população.

Desta forma, a vida de estudantes universitários conta com diversos fatores considerados como precursores de transtornos psiquiátricos. A apreensão em relação ao futuro próximo, a inúmera quantidade de conteúdos abordados durante a graduação, a extensa carga horária e o contato diário com seres humanos, principalmente no curso de Medicina, podem ser vistos como componentes contínuos que contribuem para o desenvolvimento da ansiedade e da depressão nesse grupo. Desse modo, o objetivo do presente estudo foi identificar, segundo a ótica do(a) acadêmico(a)s de um curso de medicina, os sinais de alerta para os quadros clínicos de ansiedade e depressão.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal analítico, com aplicação prática em campo do tipo qualitativo-quantitativo, exploratório e descritivo. Foi realizado por meio da plataforma virtual do Google Forms com

acadêmicos do 1º ao 8º período do curso de graduação em Medicina do Centro Universitário IMEPAC Araguari-MG, selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos todos os alunos de tais períodos que estiveram matriculados e cursando regularmente o curso de Medicina durante 2021/1 e foram excluídos os universitários que estiveram afastados do curso por qualquer motivo durante a coleta de dados, e ainda os menores de 18 anos. A amostra total foi de 609 estudantes, onde 92 participaram da coleta de dados, sendo: 6 estudantes do 1º período; 9 estudantes do 2º período; 6 estudantes do 3º período; 13 estudantes do 4º período; 8 estudantes do 5º período; 10 estudantes do 6º período; 34 estudantes do 7º período e 6 estudantes do 8º período.

Os dados foram obtidos por meio de um questionário anônimo, criado pelos pesquisadores e, por meio da Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (Ehad), desenvolvida por Zigmond e Snaith (1983) e validada e adaptada em sua padronização brasileira por Botega et al. (1995). O questionário sociodemográfico contemplava características como: idade, sexo, local de residência, local de origem, informações acadêmicas (período, atividades extracurriculares, nível de satisfação com o curso) e de hábitos de saúde (qualidade do sono, atividade física, condição clínica diagnosticada por médico, medicações, uso de substâncias). A Ehad avalia os sintomas sugestivos de ansiedade e depressão, possuindo 14 questões intercaladas. Seus escores variam de 0 a 21 para cada subescala, sendo que os participantes com escores menores que 7 são considerados sem sinais clínicos significativos para ansiedade e/ou depressão, escores entre 8 e 10 significam sintomas possíveis (falso-positivos) e os escores acima de 10, implicam sintomas sugestivos de distúrbios.

Para a comparação dos dados contínuos pelos 8 períodos estudados, foi executada a análise de variância (ANOVA), com pós-teste de Bonferroni (caso a ANOVA detectasse diferença significativa) para localizar as diferenças. Para a comparação das frequências dos dados categóricos entre os 8 períodos foi realizado teste de Qui-Quadrado. Já para correlacionar a Ehad com as variáveis idade, frequência de atividades físicas, quantidade de horas de sono foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman.

Além disso, foi utilizado o Software BioEstat® para as análises dos dados, além do Software Excel® para a organização e tabulação dos mesmos. O estudo seguiu as recomendações da Resolução CNS 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e apresenta como Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) o número 44890921.4.0000.8041.

### 3 RESULTADOS

Dos 609 universitários matriculados no curso de bacharelado em Medicina da instituição, entre o 1º e 8º período do semestre 2021/1, 92 indivíduos (15,10%) responderam ao presente estudo. A respeito da origem dos estudantes, mais da metade vieram dos municípios de Uberlândia (16,31%), Goiânia (14,14%), Araguari (13,05%), Belo Horizonte (6,52%), Patos de Minas (5,44%) e Uberaba (4,35%). A média de idade dos alunos foi de 23,10 anos e 78,30% são do sexo feminino. A maioria dos respondentes foi do 7º período (36,96%). A residência de 93,60% dos acadêmicos é o município de Araguari. Um percentual de mais de 90,00% desses alunos não tem formação anterior, nem ocupação profissional. Dos que possuem formação anterior, incluem-se os cursos de Design de Moda, Estética, Psicologia, Sistemas de Informação, Engenharia de Controle e Automação e Odontologia. A maioria dos universitários (71,70%) está envolvida com atividades extracurriculares sendo a mais comum as ligas acadêmicas (52,17%). A maioria dos acadêmicos reportam a satisfação com o curso de graduação em Medicina entre bom (47,80) e ótimo (43,50). Os resultados supracitados são detalhados na Tabela 1.

Na Tabela 2, que se refere aos dados clínicos dos alunos, mais da metade dos alunos não apresenta nenhuma condição clínica diagnosticada (55,43%) e a mais diagnosticada foi a ansiedade (38,04%), seguida pela depressão (22,82%). Sobre o uso de psicofármacos, 71,74% declarou não fazer uso desses fármacos e 89,10% afirmaram não se automedicar. Dos 28,26% que usam psicofármacos, dentre os principais utilizados estão Trazodona, Sertralina, Alprazolam, Duloxetina, Bupropiona, Quetiapina, Fluoxetina, Escitalopram, Venlafaxina,

Desvenlafaxina e Paroxetina. Em relação aos efeitos colaterais de psicofármacos, 68,50% não sofreram nenhum efeito adverso de psicofármacos. São efeitos colaterais presentes nos 31,50% dos estudantes a sonolência, cefaleia, náuseas, diarreia, sudorese, vertigem, redução de libido, apatia, insônia, falta de apetite, irritabilidade, amnesia e pesadelos.

Em relação à qualidade do sono a maioria dos universitários avaliou seu sono como boa (38,00%), média (31,50%) e ótima (14,10) e tem uma média diária de sono de 6,70 horas. No tocante aos hábitos alimentares, 60,90% avaliaram sua rotina alimentar como saudável. A maioria declarou fazer atividades físicas (76,10%) com uma frequência média semanal de 3,70 dias. Mais de 60,00% não faz acompanhamento regular com médico e 58,70% informaram não utilizar drogas lícitas ou ilícitas. Dos 41,30% alunos que fazem uso dessas substâncias as principais são o álcool, o tabaco e a cannabis. Sobre a pontuação da Ehad, o escore médio de ansiedade foi de 9,53 e o de depressão 6,51. Quando utilizado o critério de Zigmond e Snaith (1983), 34,80% dos alunos são classificados como prováveis para o diagnóstico de transtornos de ansiedade, 25,00% como possíveis (falso-positivos) e 40,20% como improváveis. Para a depressão, de acordo com o mesmo critério, 12% dos estudantes são considerados como prováveis de apresentar o distúrbio, 26,10% como possíveis (falso-positivos) e 62,00% como improváveis.

**Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos 92,0 estudantes pesquisados.**

Variável sociodemográfica		
<b>Idade</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
	23,10	3,64
<b>Sexo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Masculino	20,00	21,70
Feminino	72,00	78,30
<b>Período</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
1º	6,00	6,52
2º	9,00	9,78
3º	6,00	6,52
4º	13,00	14,13
5º	8,00	8,70
6º	10,00	10,87
7º	34,00	36,96
8º	6,00	6,52
<b>Residência</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Araguari	86,00	93,60
Uberlândia	6,00	6,50

Formação Anterior?	Frequência	Percentual
Sim	7,00	7,60
Não	85,00	92,40

Ocupação profissional?	Frequência	Percentual
Sim	3,00	3,20
Não	89,00	96,80

Atividades extracurriculares?	Frequência	Percentual
Sim		
Ligas acadêmicas	48,00	52,17
Projeto extensão	12,00	13,10
Outros	6,00	6,60
Não	26,00	28,30

Satisfação com o curso	Frequência	Percentual
Bom	44,00	47,80
Médio	8,00	8,70
Ótimo	40,00	43,50

Fonte: Os autores

**Tabela 2 – Características clínicas dos 92,0 estudantes participantes do estudo.**

Características clínicas		
Você possui alguma condição clínica diagnosticada por médico?	Frequência	Porcentagem
Não	51.00	55.43
Depressão	21.00	22.82
Síndrome do pânico	1.00	1.09
Dermatite atópica	1.00	1.00
TDAH	1.00	1.09
Hipertensão arterial	2.00	2.17
TOC	1.00	1.09
Transtorno misto ansioso e depressivo	1.00	1.09

<b>Você faz uso de psicofármacos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Não	66.00	71.74
Sim	26.00	28.26

<b>Você se automedica?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Não	82.00	89.10
Sim	10.00	10.90

<b>Você já sofreu efeitos colaterais de psicofármacos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Não	63,00	68,50
Sim	29,00	31,50

<b>Como você considera a qualidade do seu sono?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Boa	35.00	38.00
Médio	29.00	31.50
Ótima	13.00	14.10
Ruim	15.00	16.30

<b>Você costuma dormir quantas horas por dia?</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
	6,70	1,23

<b>Como você considera a qualidade da sua rotina alimentar?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Adequada / Saudável	56.00	60.90
Inadequada / Hipercalórica e/ou hiper gordurosa	36.00	39.10

<b>Você faz atividade física?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Não	22.00	23.90
Sim	70.00	76.10

<b>Qual a frequência semanal da prática de atividades físicas?</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
	3,70	1,15

<b>Você faz acompanhamento regular com algum médico?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Não	56.00	60.90
Sim	36.00	39.10

<b>Você faz uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
---	-------------------	--------------------

Não	54.00	58.70
Sim	38.00	41.30

Escala HAD – Escore	Média	Desvio padrão
Ansiedade	9.53	4.46
Depressão	6.51	3.61

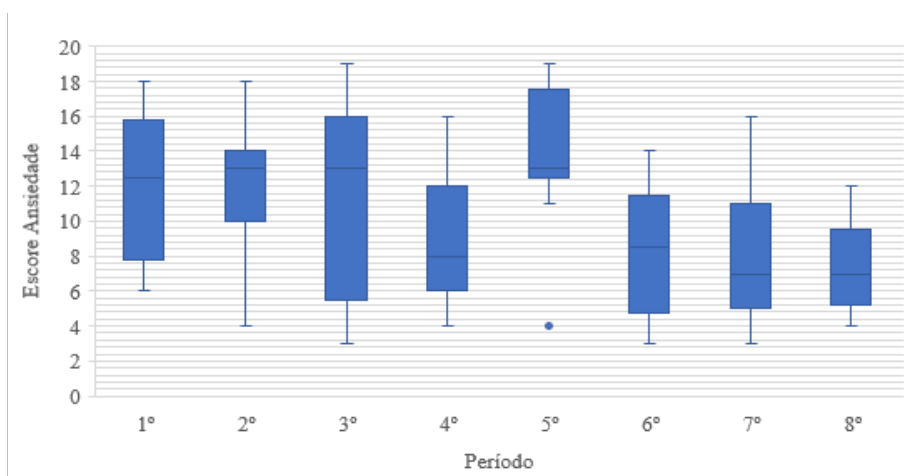
Escala HAD – Classificação – ansiedade	Frequência	Porcentagem
Improvável	37.00	40,20
Possível	23.00	25,00
Provável	32.00	34,80

Escala HAD – Classificação – depressão	Frequência	Porcentagem
Improvável	57.00	62,00
Possível	24.00	26,10
Provável	11.00	12,00

Fonte: Os autores

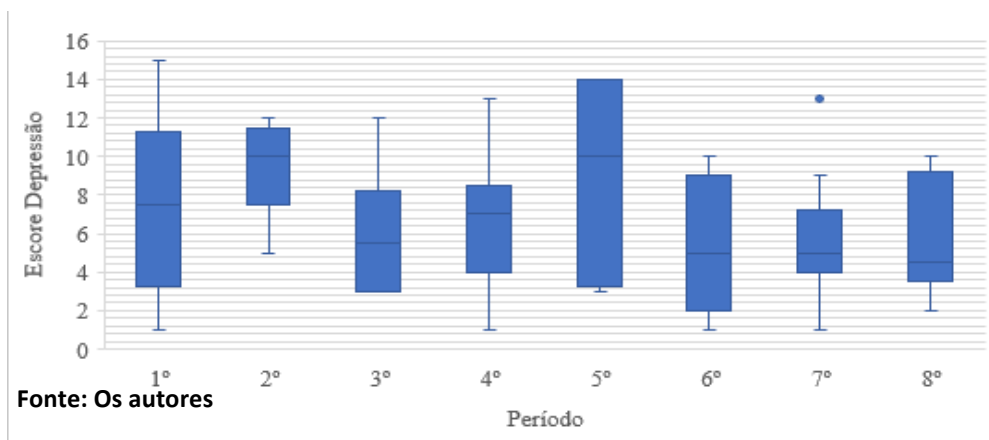
Quando comparados os escores da Ehad de ansiedade entre os períodos não foram encontradas diferenças significativas entre os oito períodos do curso (gráfico 1). O mesmo resultado foi encontrado na comparação entre os escores da Ehad de depressão (gráfico 2). Quando comparadas as frequências das classificações dos escores das escalas Ehad entre os períodos não foram encontradas diferenças significativas nas proporções entre alunos classificados como improváveis, possíveis e prováveis tanto na escala de ansiedade ( $p= 0,44$ ) como na depressão ( $p=0,14$ ).

Gráfico 1 – Comparação dos escores de ansiedade da Ehad entre os períodos ( $p=0,06$ )



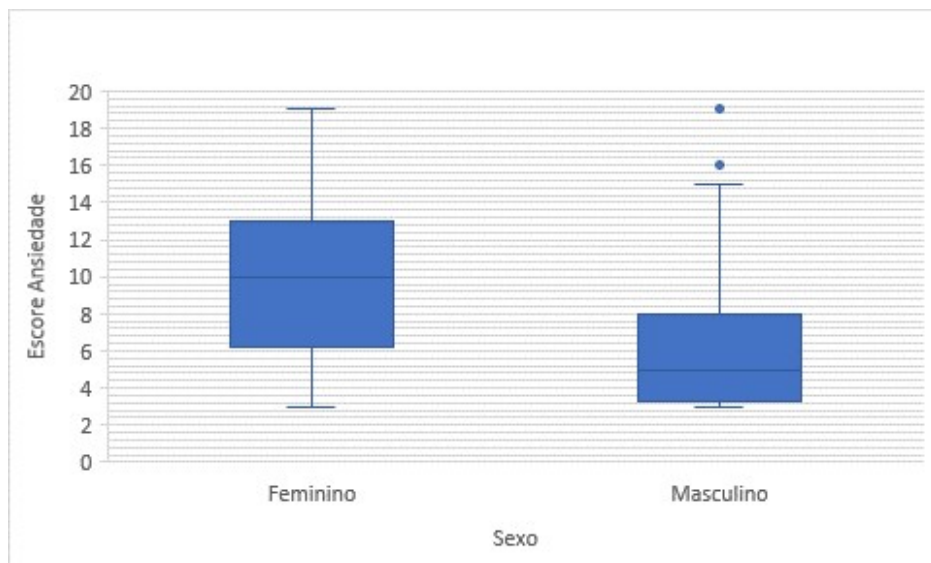
Fonte: Os autores

**Gráfico 2 – Comparação dos escores de depressão da Ehad entre os períodos (p=0,08)**



Na comparação dos escores da Ehad entre os sexos foram observadas diferenças significativas nas escalas de ansiedade (gráfico 03) e depressão (gráfico 04). Apesar disso quando comparadas as frequências das classificações das duas escalas elas não apresentaram diferenças nas proporções (ansiedade,  $p=0,06$  e depressão,  $p=0,08$ ) entre os sexos.

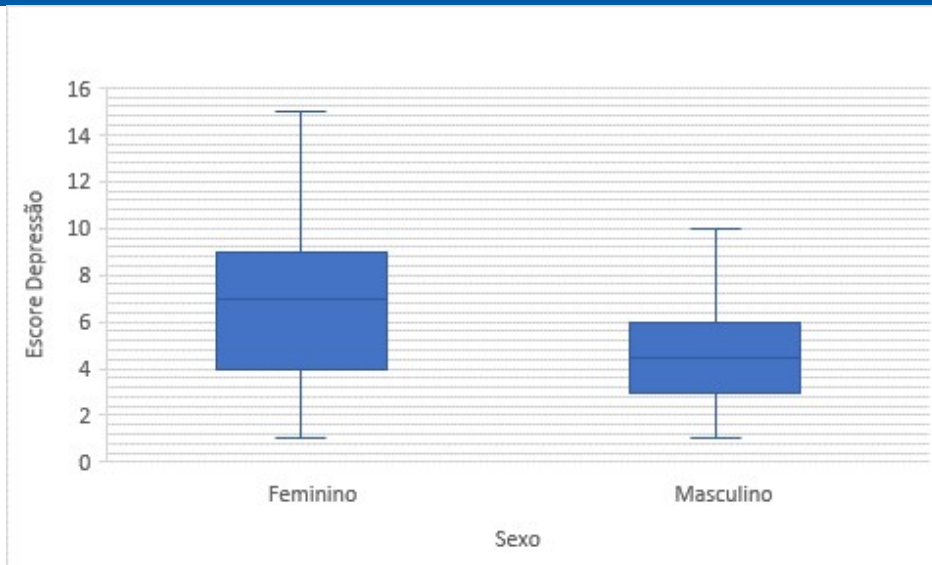
**Gráfico 3 – Comparação dos escores de ansiedade da Ehad entre os sexos (p=0,00)**



Fonte: Os autores

**Gráfico 4 – Comparação dos escores de depressão da Ehad entre os sexos (p=0,02)**





Fonte: Os autores

Em relação à prática de atividades físicas, não foram encontradas diferenças no escore da escala de ansiedade ( $p= 0,86$ ) mas na escala de depressão foi detectada uma diferença significativa ( $p=0,01$ ) onde os praticantes de atividades físicas tiveram uma pontuação menor que os não praticantes. Contudo, quando comparadas as classificações dos escores não foram detectadas diferenças entre as proporções das classificações em ambas as escalas.

Na correlação entre os escores das escalas de ansiedade e depressão Ehad não foram encontradas correlações significativas com a idade ( $p= 0,83$ , ansiedade;  $p=0,33$ , depressão), frequência da atividade física ( $p= 0,43$ , ansiedade;  $p=0,74$ , depressão) e quantidade de horas de sono ( $p= 0,66$ , ansiedade;  $p=0,06$ , depressão). Somente nos períodos do curso foram encontradas correlações significativas de ordem inversa e intensidade fraca, sendo a ansiedade com  $p=0,00$  e  $r = -0,28$  e depressão  $p=0,01$  e  $r = -0,25$ , o que indica que à medida que o estudante avança de período a percepção de ansiedade e depressão podem diminuir.

#### 4 DISCUSSÃO

Neste trabalho, foi identificado que 34,8% dos universitários apresentaram sintomas sugestivos de ansiedade (escore maior que 10 na Ehad) e que 25% apresentaram sintomas possíveis (falso-positivos) para o distúrbio (escore entre 8 e 10 na Ehad). Já em relação a depressão, 12% dos estudantes apresentaram sintomas sugestivos de depressão (pontuação maior que 10 na Ehad) e 26,10% sintomas possíveis (pontuação entre 8 e 10 na Ehad). Em um estudo realizado por Bunevicius, Katkute e Bunevicius (2008), onde foi aplicada a mesma Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (Ehad) em acadêmicos de Medicina, observou-se que em 43% de uma amostra de 338 alunos, prevaleceram sintomas sugestivos de ansiedade e em 14% sintomas depressivos. Em outro estudo, realizado por Silva et al. (2018), também se aplicou a Ehad em alunos de Medicina, sendo observado que 52,14% dos alunos possuíam algum grau de ansiedade e que 16,50% tinham algum grau de depressão. Tais dados vão de encontro com o exposto no trabalho em questão, mostrando que os achados de sintomas de ansiedade e depressão são frequentes no ambiente acadêmico do curso de Medicina.

Além disso, foi encontrado uma maior prevalência do sexo feminino (78,30%) na pesquisa, além de ser o gênero com maiores escores de ansiedade e depressão de acordo com a Ehad. Os dados vão de acordo com a pesquisa dos seguintes autores, visto que para Medeiros et al. (2018) e Pacheco et al. (2017), existe uma alta prevalência de transtornos mentais entre estudantes do sexo feminino quando comparadas aos estudantes do sexo masculino. Na população em geral, os transtornos mentais também tendem a ser mais prevalentes nas

mulheres, possivelmente devido a fatores hormonais, psicológicos, características dos instrumentos de avaliação e métodos de pesquisa (SANTOS; SIQUEIRA, 2010).

Outro achado importante foi em relação à cidade de origem dos acadêmicos, visto que mais da metade desses vêm de outros municípios como, Uberlândia, Goiânia, Belo Horizonte, Patos de Minas e Uberaba, tendo que se afastar do núcleo familiar. Para Lima et al. (2016) estar distante da família está associado ao estresse, e um sentimento de sentir-se pressionado pelos pais foi associado ao surgimento de sintomas de depressão e ansiedade (TABALIPA et al., 2015). Os achados de Vasconcelos et al. (2015), constataram que há maior risco de depressão entre os estudantes universitários procedentes de municípios distantes da instituição de ensino superior e que, conseqüentemente, estavam mais afastados do âmbito familiar, tornando-se mais expostos a distúrbios psicológicos. Em nosso estudo foi observado que há maior risco de ansiedade e depressão entre os alunos provenientes de municípios distantes da faculdade, o que coincide com o encontrado na literatura.

Em nossa amostra, 41,30% dos acadêmicos relataram o uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, sendo a principal delas, o álcool. Tal fato vai de encontro com o estudo de Pinton, Boskovitz e Cabrera (2005), realizado na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp), onde o álcool também foi a droga com maior influência entre os alunos, além de ressaltar que há um aumento do consumo no decorrer do curso. Diversão e prazer, necessidade de ficar atento e alívio de tensão destacam-se entre os motivos de uso de drogas entre os estudantes de Medicina da Famerp. Além disso, a carga horária excessiva, o cansaço físico e o desgaste emocional podem ser fatores que influenciam a busca por substâncias capazes de aliviar tais situações. Ademais, de acordo com o estudo de Silva e Tucci (2018), foi identificado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), uma correlação positiva entre o nível de ansiedade, o consumo de álcool e as conseqüências desse consumo entre os estudantes universitários, de maneira que, à medida que se aumenta o nível de ansiedade, elevam-se o consumo de álcool e suas conseqüências.

Em relação à prática de atividades físicas, em nosso estudo foi detectada uma diferença significativa no escore da Ehad de depressão, onde os praticantes de atividades físicas tiveram um escore menor do que os não praticantes, ou seja, os estudantes que praticam atividades físicas apresentam uma menor probabilidade de desenvolverem depressão do que os que não praticam. Em um estudo de Serinolli e Mafarjeh (2015), foi constatado que os acadêmicos de medicina que praticam exercícios físicos e de competições esportivas obtiveram melhor domínio físico, psicológico, relação social e ambiental em relação ao grupo que não realiza nenhum tipo de atividade física. A literatura vai de encontro ao exposto em nosso trabalho, demonstrando o impacto positivo da prática de atividades físicas na vida dos estudantes.

## 5 CONCLUSÃO

Como se procurou demonstrar ao longo deste estudo, é expressiva a quantidade de universitários participantes os quais são diagnosticados ou têm sintomas sugestivos de distúrbios psicológicos como a ansiedade e a depressão, elemento este fidedigno, haja vista que os autores utilizaram a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (Ehad) como base para a análise do artigo em questão. De acordo com o que foi analisado, é possível afirmar que a faculdade de Medicina pode ser um ambiente que propicia o desenvolvimento de transtornos mentais nos acadêmicos desse curso. Quanto aos fatores explorados no estudo, destacam-se o sexo, a distância da família, o uso de drogas lícitas e ilícitas e o sedentarismo, que podem propiciar o desenvolvimento de distúrbios como a ansiedade e a depressão no público-alvo.

Dessa forma, fica evidente que os fatores: sexo, morar distante da cidade de origem, a prática de atividades físicas e o uso de drogas lícitas e ilícitas associados a rotina do estudante de medicina, são determinantes para o desenvolvimento ou não de transtornos mentais como a ansiedade e a depressão. Sendo assim, o público-alvo, seus familiares, seus professores e os demais responsáveis pela universidade em que estudam devem estar atentos aos sinais de alarme dessas doenças e ao que fazer para evitá-las. Seria interessante portanto que tanto os profissionais contribuintes para a formação deste público quanto as

peessoas que convivem com o aluno incentivem a não utilização de drogas ilícitas e a utilização de drogas lícitas somente com a recomendação médica. Além disso, o incentivo à prática de exercícios físicos, de atividades de lazer e ao cuidado continuado da saúde física e mental é fundamental para que distúrbios como a ansiedade e a depressão não estejam presentes na vida desse público.

## 6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, C. C. et al. Drogas antidepressivas. **Acta Médica Portuguesa**, v. 24, n. 1, p. 91-98, 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/16012278/drogas-antidepressivas-acta-medica-portuguesa>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BRESOLIN, J. Z. et al. Sintomas depressivos em estudantes universitários da área da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 28, p. 1-10, fev. 2020. Disponível: [https://www.scielo.br/pdf/rlae/v28/pt\\_0104-1169-rlae-28-e3239.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rlae/v28/pt_0104-1169-rlae-28-e3239.pdf). Acesso em: 13 fev. 2021.

BUNEVICIUS, A.; KATKUTE, A.; BUNEVICIUS, R. Symptoms of anxiety and depression in medical students and in humanities students: relationship with big-five personality dimensions and vulnerability to stress. **The International Journal of Social Psychiatry**, v. 54, n. 6, p. 494-501, nov. 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18974188/>. Acesso em: 08 nov. 2021.

CRUZ, C. M. V. M. et al. Ansiedade nos estudantes do ensino superior: Um estudo com estudantes do 4º ano do curso de licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu. **Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde**, Viseu, v. 1, n. 1, p. 223-242, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277045611\\_Ansiedade\\_nos\\_estudantes\\_do\\_ensino\\_superior\\_Um\\_Estudo\\_com\\_Estudantes\\_do\\_4\\_Ano\\_do\\_Curso\\_de\\_Licenciatura\\_em\\_Enfermagem\\_da\\_Escola\\_Superior\\_de\\_Saude\\_de\\_Viseu](https://www.researchgate.net/publication/277045611_Ansiedade_nos_estudantes_do_ensino_superior_Um_Estudo_com_Estudantes_do_4_Ano_do_Curso_de_Licenciatura_em_Enfermagem_da_Escola_Superior_de_Saude_de_Viseu). Acesso em: 12 fev. 2021.

FERREIRA, C. L, et al. Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação do traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio Grande do Norte, v. 14, n. 3, p. 973-981, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v14n3/33.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LIMA, R. L. et al. Estresse do estudante de medicina e rendimento acadêmico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Paraná, v. 40, n. 4, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/BTjMgbcjxGRwjVJnndhFvPK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 nov. 2021.

LUNA, I. S. et al. Consumo de psicofármacos entre alunos de Medicina do primeiro ao sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo. **Revistas Unoeste**, Presidente Prudente, v. 10, n. 1, p. 22-28, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://revistas.unoeste.br/index.php/cv/article/view/2167/2159>. Acesso em: 13 fev. 2021.

Medeiros, M. R. B. et al. Saúde mental de ingressantes no curso médico: uma abordagem segundo o sexo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Montes Claros, v. 42, n.3, p. 214-221, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/rm6qRJKhbfm3WrNNvq7VD3F/?lang=pt>. Acesso em: 08 nov. 2021.

MOURA, J. B. et al. **Ansiedade em acadêmicos dos cursos da área da saúde de uma universidade privada**. Trabalho de Conclusão de Curso. Enfermagem, Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), 2019. Disponível em: [https://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/12/ENFER.-2019\\_2-ANSIEDADE-EM-ACAD%C3%8AMICOS-DOS-CURSOS-DA-%C3%81REA-DA-SA%C3%9ADE-DE-UMA-UNIVERSIDADE-PRIVADA...-JULIANA.-KRISTYANNE.-LET%C3%8DCIA.-MILA.pdf](https://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/12/ENFER.-2019_2-ANSIEDADE-EM-ACAD%C3%8AMICOS-DOS-CURSOS-DA-%C3%81REA-DA-SA%C3%9ADE-DE-UMA-UNIVERSIDADE-PRIVADA...-JULIANA.-KRISTYANNE.-LET%C3%8DCIA.-MILA.pdf). Acesso em: 13 fev. 2021.

OMS. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates** [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=5AF58F6E3B9198DF0C22A94CD75D3884?sequence=1>. Acesso em: 05 out. 2021.

PACHECHO, J. P. G. et al. Mental health problems among medical students in Brazil: A systematic review and meta-analysis. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 369-378, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/FsKx7VwgRVsvwS638Bqhbmk/?lang=en>. Acesso em: 08 nov. 2021.

PINTON, F. A.; BOSKOVITZ, E. P.; CABRERA, E. M. S. Uso de drogas entre os estudantes de medicina da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP, no ano de 2002. **Arquivos de Ciência da Saúde**, São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, p. 91-96, jun. 2005. Disponível em: [https://repositorio-racs.famerp.br/racs\\_ol/Vol-12-2/6.pdf](https://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/Vol-12-2/6.pdf). Acesso em: 08 nov. 2021.

RIBEIRO, A. G. et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1825-1833, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2014.v19n6/1825-1833/pt>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RODRIGUES, M. A. P.; FACCHINI, L. A.; LIMA, M. S. Modificações nos padrões de consumo de psicofármacos em localidade do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, Pelotas, v. 40, n. 1, p. 107-114, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n1/27123.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SANTOS, E. G.; SIQUEIRA, M. M. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: Uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Espírito Santo, v. 59, n. 3, p. 238-246, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/FNQ5qZjtSdwznsjZzHTH7jS/?lang=pt>. Acesso em: 08 nov. 2021.

SERINOLLI, M. I.; MAFARJEH, E. E. Impacto da prática de atividade física na qualidade de vida dos acadêmicos de Medicina da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). **ConScientiae Saúde**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 627-633, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/saude/article/view/5958/3168>. Acesso em: 08 nov. 2021.

SILVA, C. M. M. et al. **Ansiedade e Depressão em diferentes fases do curso médico: são desafios enfrentados pelos estudantes de medicina?** Trabalho de Conclusão de Curso. Medicina, Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, 2018. Disponível em:  
<https://tcc.fps.edu.br/bitstream/fpsrepo/541/1/ANSIEDADE%20E%20DEPRESS%C3%83O%20EM%20DIFERENTES%20FASES%20DO%20CURSO%20M%C3%89DICO.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.

SILVA, E. C.; TUCCI, A. M. Correlação entre ansiedade e consumo de álcool em estudantes universitários. **Revista Psicologia: Teoria e prática**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 93-106, ago. 2018. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v20n2/pt\\_v20n2a04.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v20n2/pt_v20n2a04.pdf). Acesso em: 08 nov. 2021.

TABALIPA, F. O. et al. Prevalência de Ansiedade e Depressão entre estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Santa Catarina, v. 39, n. 3, 2015. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/jj/rbem/a/dhNzFb9S8G57t9fVKmyF85f/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.

VASCONCELOS, T. C. et al. Prevalência de sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 135-142, jan./mar. 2015. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v39n1/1981-5271-rbem-39-1-0135.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2021.